

## MEMÓRIA DAS MULHERES INDÍGENAS EQUATORIANAS NAS MANIFESTAÇÕES DE 2019

Fernando Guerrero<sup>1</sup>; Jorge Eremites de Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [guerrero.maruri@ufpel.edu.br](mailto:guerrero.maruri@ufpel.edu.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [eremites@hotmail.com](mailto:eremites@hotmail.com) ORIENTADOR

### 1. INTRODUÇÃO

Quito, como centro político do Equador, tem sido palco de múltiplas mobilizações sociais e atos de resistência contra governos que adotam medidas econômicas ou políticas que afetam as classes mais pobres. Desde 1990, o movimento indígena se consolidou como ator decisivo na execução e resultados dessas mobilizações sociais, com isso, muitas pessoas morreram, muitas reivindicações foram ouvidas e as decisões políticas que afetam o país foram revistas ou revogada como produto das lutas travadas na capital.

A presença do movimento indígena nas ruas de Quito modificou várias decisões políticas já anunciadas ao país. Para entender o crescimento e a consolidação do movimento indígena, abordam-se autores que já revisaram extensivamente essa dinâmica social e, a partir daí, propõe-se focar a atenção na participação em outubro de 2019 e particularmente na participação das mulheres indígenas. Esta conjuntura que deixa uma memória que ainda não foi construída e espera ser ouvida por aqueles que fizeram deste evento um evento de particular importância para a história política do Equador, um ato que tem um caminho com muitas barreiras, pretende-se mostrar o pensamento e as ações dos colonizados da mídia e de uma sociedade que esconde a luta dos indivíduos que não cabem em uma cidade com preconceito racista e exclui todos aqueles que não se enquadram em seus cânones de “quiteño de bien”.

### 2. METODOLOGIA

Se pretende construir a memória social a partir da História Oral Temática.

Sustentada em entrevistas com os participantes deste evento político contemporâneo de importância para a sociedade equatoriana, não apenas pelo que foi alcançado social e politicamente, mas por todas as mudanças sociais que são evidentes tanto no setor indígena quanto na sociedade equatoriana, um evento que é analisado em seu contexto social e histórico.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Equador é um dos países mais pequenos da América do Sul, com uma área de 272.045 km<sup>2</sup>, e é caracterizado pela sua diversidade geográfica (Serra, Amazônia e Costa), étnica (indígenas, mestiços, afro-equatorianos), cultural e linguística. Além do espanhol, o país é o lar de onze línguas indígenas: sia pedee (épera), awapi't, tsafi ki, chapalachee, kichwa (quíchua), shuar, achuar, a'i (cofán), sionasecoya, waorani e zápara (Marleen Haboud & De La Vega, 2008), representando uma confluência de histórias e processos que em alguns momentos foram pacíficos e em outros momentos tumultuados e poderosos.

Com base em dados do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INEC) de fevereiro de 2022, a população atual do Equador é de aproximadamente 18 milhões de habitantes. No país, vivem 14 nacionalidades indígenas, a maioria delas organizadas em níveis nacionais, regionais e locais. As nacionalidades e povos indígenas habitam a serra (68,20%), seguidos pela Amazônia (24,06%) e 7,56% na costa. No censo realizado em 2010, as seguintes nacionalidades indígenas foram consideradas para a autoidentificação: Tsáchila, Chachi, Epera, Awa, Kichwas, Shuar, Achuar, Shiwiar, Cofán, Siona, Secoya, Zápara, Andoa e Waorani. A nacionalidade Kichwa é a mais numerosa, representando 85,87% e incluindo 800 mil pessoas (IWGIA, 2023). Das 1.018.176 pessoas que se autodeclararam indígenas, 517.797 são mulheres e 500.379 são homens.

A diversidade das mulheres no mundo indígena varia entre aquelas que vivem em contextos tradicionais e urbanos, bem como em comunidades isoladas. Ela surge de construções de gênero específicas em suas respectivas culturas, realidades socioeconômicas e relacionamentos com a sociedade dominante. Embora exista subordinação de gênero em todas as sociedades, nas comunidades indígenas, as normas de descendência, casamento e residência influenciam a distribuição de poder e papéis entre homens e mulheres (CEPAL, 2013). No meio desses fatores, existe uma tensão de forças que, ao longo da história, superaram as diferenças para trabalhar em prol de um objetivo comum. O movimento indígena, em toda a sua complexidade e unidade sólida, oferece a oportunidade de explorar as condições em que as mulheres indígenas construíram e projetam sua realidade política e social.

No Equador, a ascensão do movimento indígena no cenário social e político nas últimas décadas questiona profundamente o modelo de desenvolvimento do país e o tipo de democracia associado a esse modelo (Maldonado, 2004). Em menos de um século, a população indígena equatoriana criou uma alternativa política que superou o isolamento forçado, construindo um movimento que desafia a sociedade excludente e racista, que ignora sua própria história e se recusa a reconhecer a diversidade existente, incluindo grupos sociais cuja cultura e cosmovisão não se encaixam no modelo nacionalista homogeneizador. A história vivida pelo movimento indígena equatoriano é um processo de construção de sujeitos sociais que lutaram para se tornar sujeitos políticos com propostas que são referências incontornáveis para a análise das propostas de mudança social no país (p. 67).

Eventos, protagonistas e contextos das comunidades, em particular, das mulheres indígenas que têm sido deixadas de fora da história nacionalista, emergem gradualmente desafiando as conexões estabelecidas entre o Estado e empresários-terratenientes a partir de eventos inicialmente considerados isolados, moldando a memória social das resistências indígenas nos últimos cem anos no Equador.

Com a firme pretensão de um futuro que agora parece possível, sustentamos que as resistências construídas pelas mulheres indígenas perduraram através da memória e da indisciplina contra o avanço do tempo, do progresso e do silêncio obediente.

#### 4. CONCLUSÕES

- **Participação Significativa das Mulheres Indígenas:** A pesquisa pode concluir que as mulheres indígenas desempenharam um papel fundamental na manifestação de 2019 no Equador, contribuindo significativamente para o movimento e representando uma parte considerável dos manifestantes.
- **Liderança e Mobilização:** Pode-se observar que as mulheres indígenas não apenas participaram ativamente, mas também assumiram papéis de liderança na organização e mobilização dos protestos. Isso pode ser visto como um exemplo de seu poder de organização e influência.
- **Pautas e Demandas Específicas:** As conclusões podem destacar as demandas específicas das mulheres indígenas na manifestação, incluindo questões relacionadas à direitos. Essas demandas podem diferir das demandas gerais do movimento.
- **Desafios e Obstáculos:** A pesquisa pode identificar os desafios e obstáculos enfrentados pelas mulheres indígenas ao participar da manifestação, como discriminação de gênero, violência ou dificuldades logísticas. Isso pode destacar a resiliência demonstrada por essas mulheres.
- **Impacto das Mulheres na Mudança Política:** Dependendo do desfecho da manifestação, a pesquisa pode concluir que as mulheres indígenas tiveram um impacto significativo na política do Equador, seja por meio de concessões do governo, mudanças na legislação ou maior visibilidade de suas causas.
- **Solidariedade e Alianças:** As conclusões podem mostrar que as mulheres indígenas buscaram alianças com outros grupos sociais, como estudantes, sindicatos e organizações de direitos humanos, para fortalecer sua mensagem e mobilização.
- **Continuidade do Ativismo:** A pesquisa pode indicar se as mulheres indígenas continuaram seu ativismo após a manifestação de 2019, seja por meio de outras formas de protesto, engajamento político ou iniciativas comunitárias.
- **Necessidade de Inclusão e Representatividade:** Uma conclusão importante pode ser a necessidade contínua de inclusão e representatividade das mulheres indígenas nas decisões políticas e na sociedade em geral, a fim de abordar as questões que levaram à manifestação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albornoz, O. (1976). *Las luchas indígenas en el Ecuador* (1ra.). <http://8.242.217.84:8080/jspui/handle/123456789/33107>

Allpa, Ñ. (1935). *Nuestra tierra. Órgano de las masas indígenas*.

Allpa, Ñ. (1936). *Indicaciones para unir u organizar a los indios para la defensa de sus intereses de clase y como nacionalidades oprimidas*.

Banerjee, P. (1999). Historic Acts? Santal Rebellion and the Temporality of Practice. *Studies in History*, 15(2), 209-246. <https://doi.org/10.1177/025764309901500202>

CEPAL. (2013). *Mujeres indígenas en América Latina: Dinámicas demográficas y sociales en el marco de los derechos humanos* (Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía-División de Población y División de Asuntos de Género-Comisión Económica para América Latina y el Caribe). <https://centroderecursos.cultura.pe/es/registrobibliografico/mujeres-ind%C3%ADgenas-en-am%C3%A9rica-latina-din%C3%A1micas-demogr%C3%A1ficas-y-sociales-en-el>

Crespi, M. (1968). *The patrons and peons of Pesillo: A traditional hacienda system in highland, Ecuador* [University of Illinois]. <https://www.proquest.com/openview/d93eb871a503957a68c6c873dfe568a5/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>

Da Silva Araujo, L. (2021). En *Agroecología en los sistemas andinos* (pp. 85-136). Programa Colaborativo de investigación sobre cultivos, La Fundación McKnight ; CLACSO. <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/24612/1/Agroecologia-sistemas-andinos.pdf>

EcuRed. (2012). *Dolores Cacuango*. [https://www.ecured.cu/Dolores\\_Cacuango](https://www.ecured.cu/Dolores_Cacuango)  
Esposito, R. (2018). Inmunidad, comunidad, biopolítica. *Papeles del CEIC*, 2018(1). <https://doi.org/10.1387/pceic.18112>

Etxeberria, X. (2013). *La construcción de la memoria social: El lugar de las víctimas*. Museo de la Memoria y los Derechos Humanos. [https://web.museodelamemoria.cl/wp-content/files\\_mf/1541602028SIGNOS\\_Etxeberria\\_.pdf](https://web.museodelamemoria.cl/wp-content/files_mf/1541602028SIGNOS_Etxeberria_.pdf)

Giraldo, O. (2012). El discurso moderno frente al “pachamamismo”: La metáfora de la naturaleza como recurso y el de la Tierra como madre. *Polis*, 33, En línea. <https://journals.openedition.org/polis/8502?lang=fr#quotation>

Goetschel, A. M. (2007). *Educación de las mujeres, maestras y esferas públicas. Quito en la primera mitad del siglo XX*. Abya Yala.

Hernández Castillo, R. A. (2001). Entre el etnocentrismo feminista y el esencialismo étnico: Las mujeres indígenas y sus demandas de género. *Debate Feminista*, 24. <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2001.24.666>

IWGIA, org. (2023, marzo 27). Pueblos indígenas en Ecuador. IWGIA. <https://www.iwgia.org/es/ecuador/5086-mi-2023-ecuador.html>